
A propósito de um achado na Herdade das Casas (Redondo): Megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo

RUI MATALOTO¹

“Lugares como os testemunhos megalíticos ao evocarem memórias do passado ou apenas noção de antiguidade, continuam a ser actualmente fundamentais nos processos de reconstrução das identidades sociais”
(Oliveira, 2001, p. 115)

R E S U M O O achado de um recipiente cerâmico na Herdade das Casas assume-se como ponto de partida para uma breve reflexão sobre a reutilização de monumentos megalíticos ao longo da Idade do Bronze no Alto Alentejo.

A B S T R A C T The find of a ceramic bowl at the Herdade das Casas is used as a starting point for a brief reflection upon the reutilization of megalithic monuments during the Bronze Age in the Alto Alentejo region.

1. Da identificação do achado a um artefactualismo que se quer ponderado

Este trabalho desenrola-se em torno de um achado antigo que me foi dado a conhecer pela mão do Dr. Manuel Calado e de Mário Carvalho², que me confiaram o seu estudo, pelo que lhes estou muito grato.

Sobre o recipiente aqui em análise quase tudo se desconhece. Sabe-se apenas que terá surgido na Herdade das Casas — propriedade da família em cuja posse se encontra — situada na falda sul da serra d’Ossa, no concelho de Redondo. Terá surgido certamente há várias dezenas de anos, sem que se possa actualmente averiguar a proveniência exacta, em particular porque a própria herdade sofreu várias partilhas.

Toda a incerteza e desconhecimento que envolve o artefacto em questão torna pertinente indagar sobre qual o efectivo interesse sobre o seu estudo.

O pudor resultante do artefactualismo exacerbado que vigorou durante longos anos do século XX não deve inviabilizar uma leitura específica do artefacto enquanto representante das necessidades e motivações de uma comunidade, ainda que não saibamos exactamente qual.

Por outro lado, considero que eticamente compete a todos aqueles que manuseiam dados e artefactos arqueológicos procurar divulgá-los junto da comunidade científica, mesmo tendo que recorrer a um “artefactualismo ponderado”, como aqui se intenta.

2. A Herdade das Casas no seu contexto geográfico e arqueológico

A Herdade das Casas situa-se num amplo patamar que margina a vertente sul da serra d’Ossa (Figs. 1 e 2). O suave ondular da planície central do Redondo intensifica-se aqui, entrecortado por uma rede de pequenas linhas de água, subsidiárias do Ribeiro das Casas; o montado adensa-se, surgindo ponteadado ocasionalmente por afloramentos graníticos.

Abrindo-se em suave anfiteatro sobre a planície a sul, a Herdade das Casas encontra-se adjacente a um velho caminho natural, que margina a serra junto da sua vertente meridional, surgindo a propriedade como uma zona de passagem e ligação entre este e outros caminhos que cruzavam a serra pelas diversas portelas, como a de São Gens e das Cortes (Fig. 2).

Os solos, aptos para a agricultura, e a disponibilidade de água facilitaram a fixação humana desde o Neolítico, como nos demonstram vários monumentos megalíticos e alguns sítios de ocupação pré-histórica, ou da Idade do Ferro, com a necrópole homónima, além da intensa ocupação romana, com a presença de uma possível *villa* e uma necrópole associada (Fig. 3).

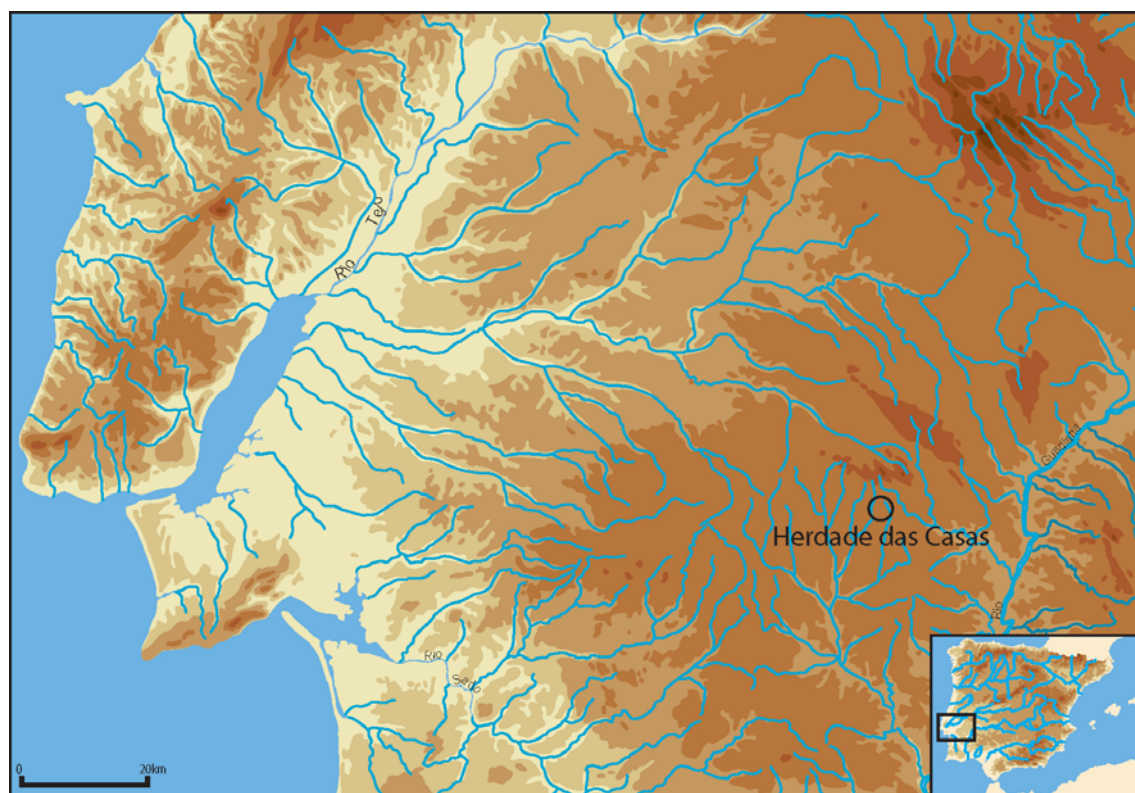


Fig. 1 Localização da Herdade das Casas no Alto Alentejo.



Fig. 2 Vista de Oeste da Herdade das Casas.

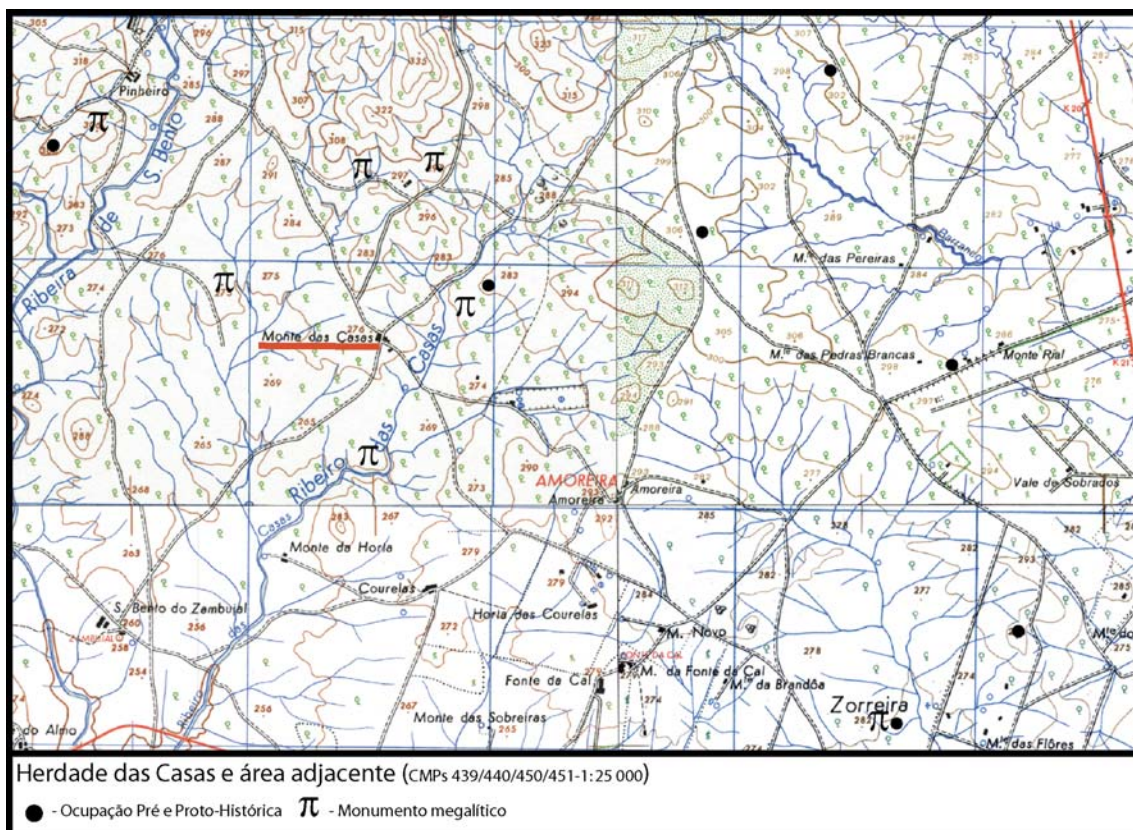


Fig. 3 Contexto arqueológico da Herdade das Casas e sua envolvente.

Não deixa de ser relevante o facto de as várias ocupações surgirem principalmente evidenciadas pelos respectivos espaços da morte, que partilham uma mesma paisagem, carregada então de um forte simbolismo, provavelmente conferido pelo entrelaçar de caminhos. Imediatamente adjacentes às necrópoles romana e da Idade do Ferro detectaram-se duas antas, muito desmanteladas, que são acompanhadas por outras um pouco mais distantes, das quais se destaca um monumento, ainda inédito, pelo excelente estado de conservação do seu *tumulus*.

3. Análise e integração crono-cultural

O recipiente cerâmico que aqui se analisa encontra-se completo, apresentando uma forma bojuda, de base plano-convexa e colo ligeiramente estrangulado (Fig. 4). A partir do bordo distendem-se três fiadas equidistantes de três pequenos mamilos, que perfazem um alinhamento ligeiramente oblíquo em relação ao plano do bordo. Entre duas delas foi possível verificar o arranque de uma pequena asa semicircular. A superfície externa apresenta-se bastante regularizada, conservando em grande parte um ligeiro polimento.

O grau de conservação indica, com alguma certeza, a sua proveniência de um ambiente ritual, muito provavelmente de necrópole.

Será, de facto, esta uma das premissas iniciais que orientaram a busca de um enquadramento cultural e cronológico para o recipiente em estudo.

Apesar de alguma incerteza gerada pela simplicidade da forma, parece-me que os melhores paralelos se encontram entre recipientes votivos identificados junto aos enterramentos da Idade

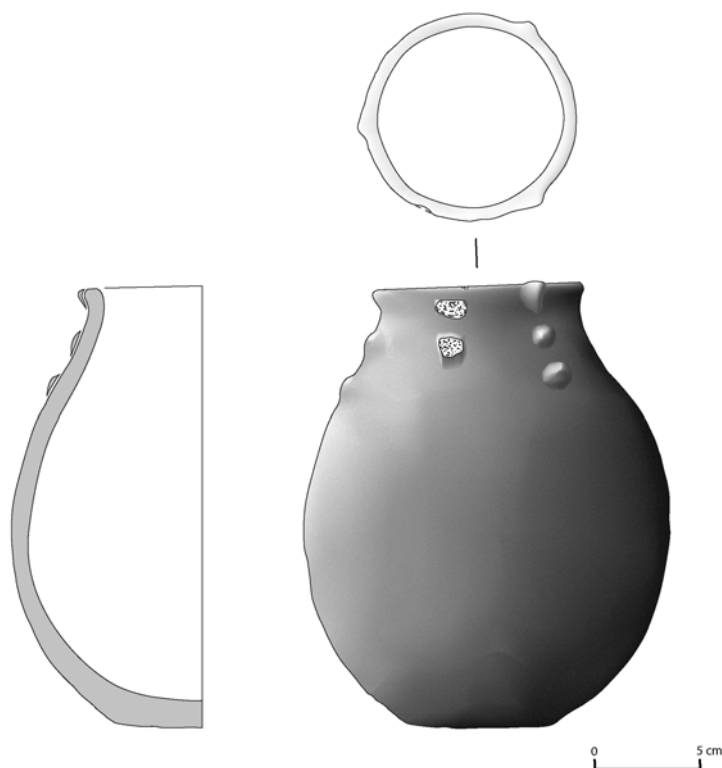


Fig. 4 Recipiente cerâmico identificado na Herdade das Casas (Redondo, Alto Alentejo).

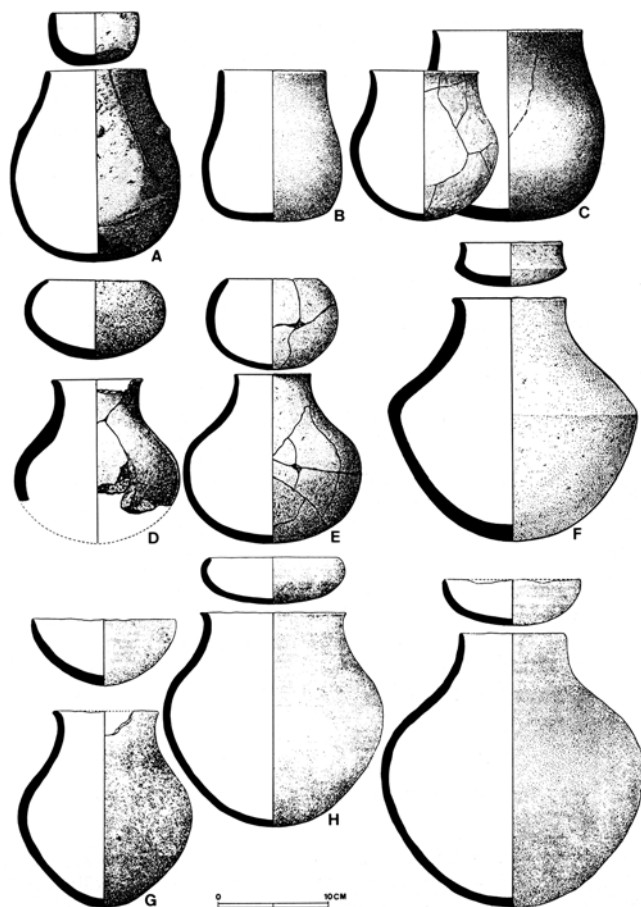


Fig. 5 Vasos de colo alto de necrópoles da Idade do Bronze do sudoeste peninsular. A - Alfaroqueira; B - Quitéria; C - La Ruiza D - Becerrero; I E, F - Castañuelo I; G, H, I - Chichina. (segundo Gomes, 1994, p. 113, Fig. 68).

tais como os identificados na sepultura 22 da necrópole da Provença (Silva e Soares, 1981, p. 161) ou na sepultura 7 da necrópole da Alfaroqueira (Gomes, 1994, p. 43) (Fig. 5). Esta forma encontra-se igualmente representada em diversos contextos do II milénio a.C. na Baixa Extremadura, como o povoado de Alange (Pavón Soldevila, 1998, p. 51, 136) e na Andaluzia ocidental, no povoado de El Trastejón (Hurtado Pérez e García Sanjuán, 1994, p. 256) ou em necrópoles como La Traviesa (García Sanjuán, 1998, p. 126) (Fig. 6), Castañuelo I e Chichina (Gomes, 1994, p. 113) (Fig. 5).

A sua peculiar decoração encontra, igualmente, alguns paralelos nos contextos funerários do II milénio a.C., conhecendo-se vários casos de formas fechadas com aplicações mamilares (veja-se o caso, já citado, do vaso da sepultura 7 da necrópole de Alfaroqueira). Por outro lado, uma breve revisão dos contextos funerários da Idade do Bronze no Sul do país, quer em cistas quer em monumentos megalíticos, permite constatar a presença deste tipo de elementos de prensão/decoração. Na necrópole da Quitéria, na área de Sines, foi identificada uma pequena taça carenada com quatro fiadas de três pequenos mamilos (Silva e Soares, 1981, p. 165), assemelhando-se bastante à decoração do recipiente da Herdade das Casas (Fig. 7).

Um vaso da necrópole da Herdade do Peral, no concelho de Portel, apresenta uma forma bastante aproximada, dispondo de duas pequenas asas próximas do bordo (Schubart, 1975, Tafel 40, n.º 431), tal como a registada no exemplar das Casas (Fig. 8).

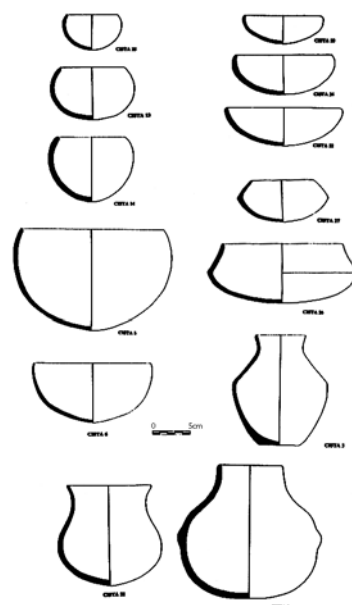


Fig. 6 Tabela de Formas da necrópole de La Traviesa (García Sanjuán, 1998).

do Bronze do Sul do país. Todavia, estes deverão ser encarados como formas aproximadas, não tendo sido possível encontrar qualquer exemplar idêntico.

Uma busca não exaustiva permite encontrar algumas similitudes com vasos recolhidos em diversas necrópoles de cistas do Sul do país,

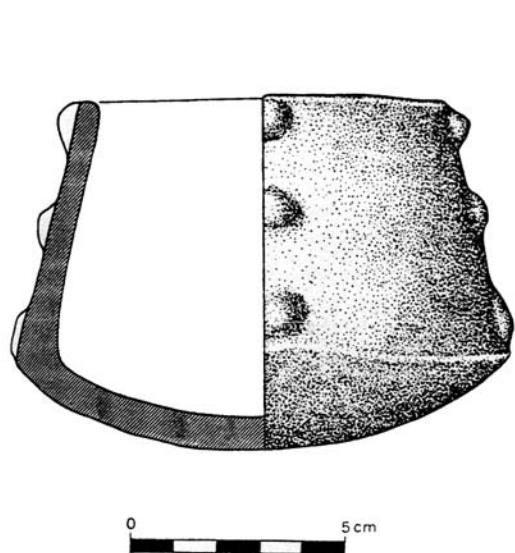


Fig. 7 Vaso mamilado recolhido na necrópole da Quitéria (Sines) (segundo Silva e Soares, 1981, p. 165).

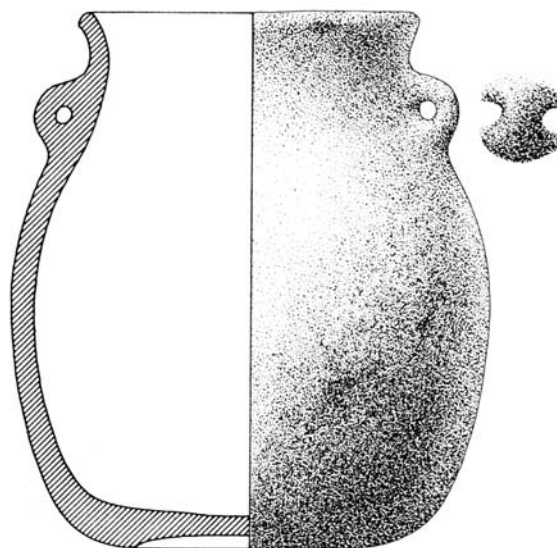


Fig. 8 Vaso recolhido na necrópole da Herdade do Peral (Portel) (segundo Schubart, 1975, Tafel 40, n.º 431).

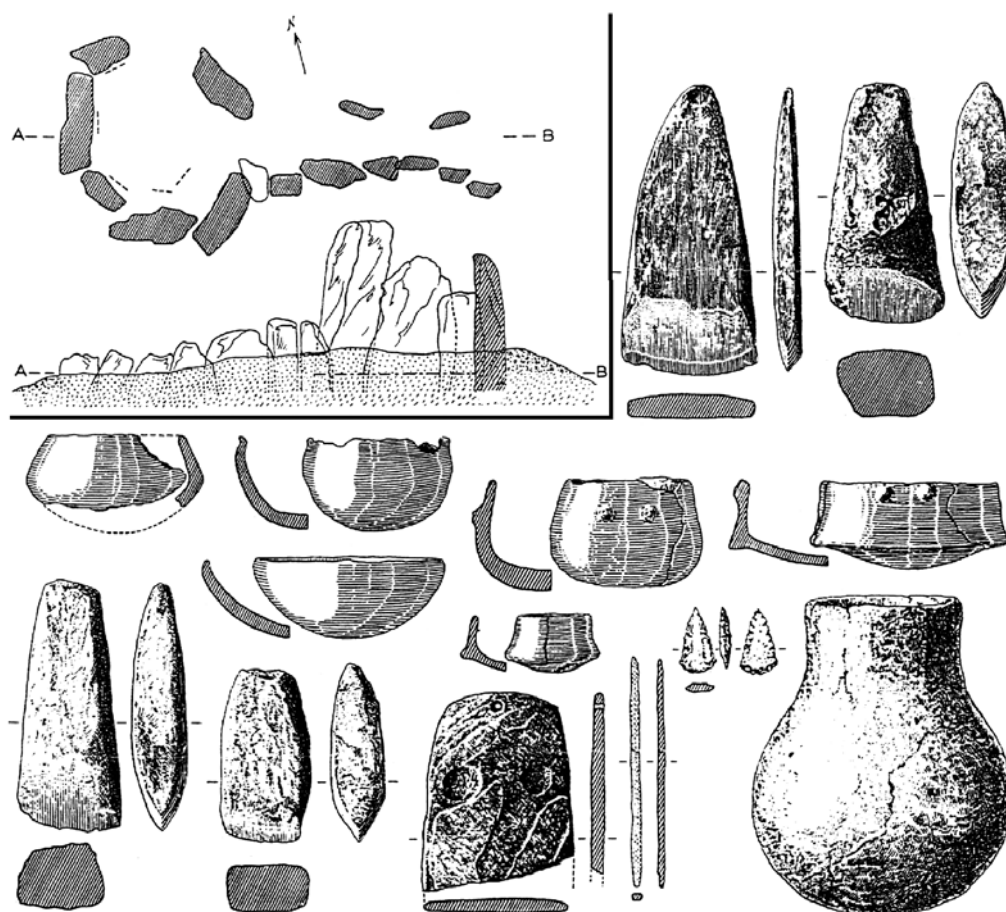


Fig. 9 Planta e espólio da Anta do Considreiro (Mora) (segundo Leisner e Leisner, 1959, Tafel 20).

Na anta do Cabeço do Considreiro, em Mora, foi recolhida uma forma fechada, morfológicamente semelhante à peça em estudo; a par desta surgem outras que poderão remeter para um contexto do II milénio a.C. (Leisner e Leisner, 1959, Tafel 20) (Fig. 9).

4. Contextos locais e regionais: as perspectivas possíveis

Os contextos do II milénio a.C. no Alto Alentejo são quase totalmente desconhecidos, apresentando uma extrema “invisibilidade”. As dificuldades em isolar os conjuntos materiais do II milénio a.C., já expressas em outro local (Mataloto, 1999), e a raridade, no Alentejo Central, dos contextos de enterramento onde, no Baixo Alentejo e Algarve, se depositam as formas mais características deste momento, deixam um vazio de que apenas se poderá sair com novos dados e uma profunda revisão de contextos já conhecidos.

Em diversos povoados calcolíticos da região começam a surgir indícios de uma continuidade de ocupação para além do III milénio a.C. (Mataloto, 1999) e, no que diz respeito aos hábitos de enterramento, fica cada vez mais claro o papel determinante que a tumulação em monu-

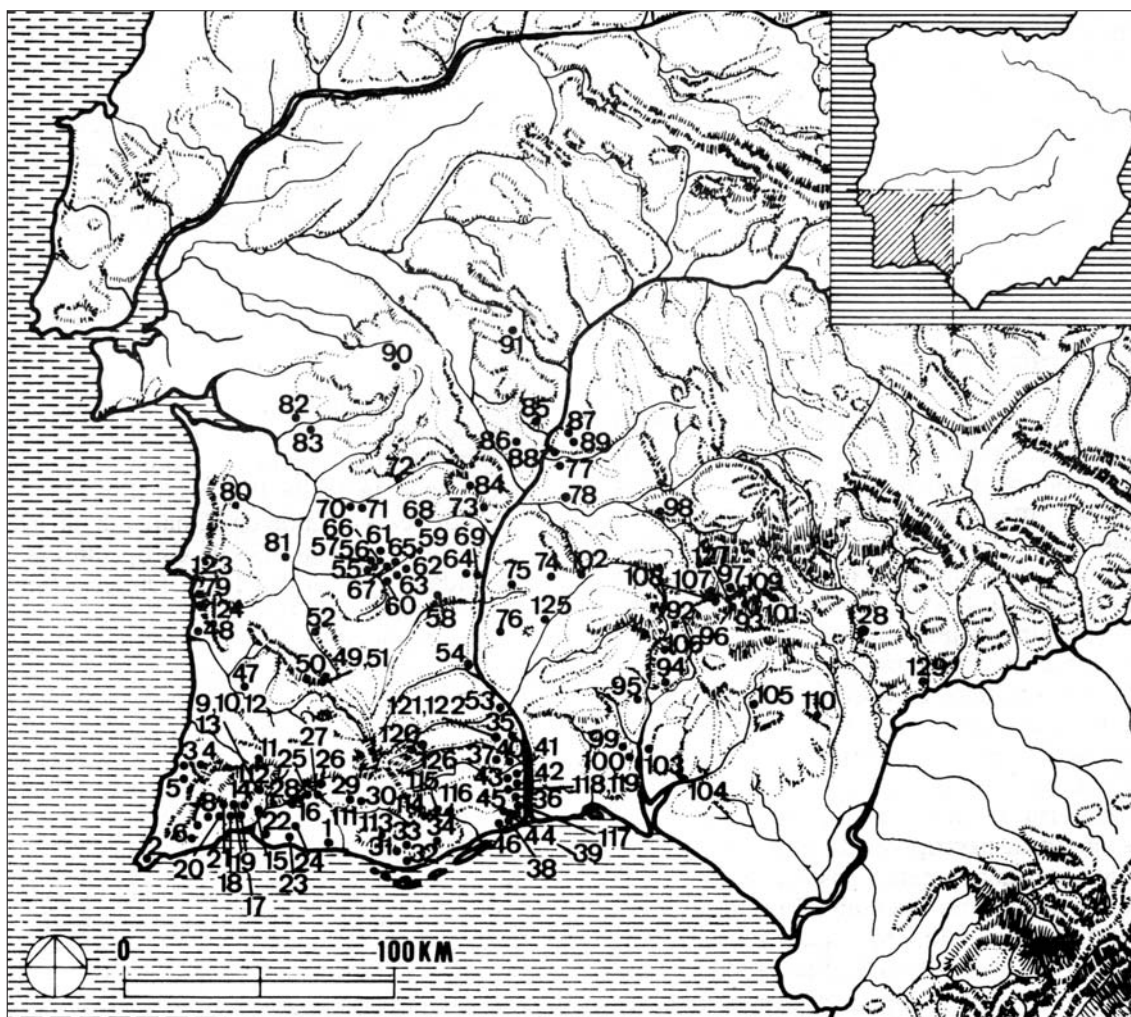


Fig. 10 Necrópoles da Idade do Bronze no Sudoeste peninsular (segundo Gomes et al., 1986, p. 64, fig. 81).

mentos megalíticos teve no Alto Alentejo. Apesar das máximas cautelas e dúvidas já levantadas sobre a relevância da utilização de monumentos megalíticos ao longo da Idade do Bronze (Kalb, 1994), estudos recentes, como a síntese sobre os monumentos da Bacia do Sever (Oliveira, 1995), permitem, sem margem para dúvidas, atestar uma frequente utilização dos monumentos megalíticos como espaços de enterramento ao longo deste período.

Uma revisão, não sistemática, sobre a grande síntese do casal Leisner (Leisner e Leisner, 1959) permite verificar a relativa frequência destas utilizações em todo o Alto Alentejo, mesmo tendo em linha de conta as limitações e a fiabilidade dos dados disponíveis, como já foi apontado (Kalb, 1994, p. 417).

Os contextos tumulares em cista são, por outro lado, relativamente pouco conhecidos no Alto Alentejo fora da margem esquerda do Guadiana e da área de Reguengos de Monsaraz/Portel (Gomes et al., 1986, p. 64, fig. 81; Schubart, 1975) (Fig. 10).

O Alentejo Central, e em particular a região de Reguengos/Portel, parece ter constituído um território de fronteira entre duas tradições funerárias do Sul do país, durante a o II milénio a.C.; o Baixo Alentejo, marcado pela reduzida presença megalítica, desenvolve uma vertente funerária em cista sob pequenos *tumuli*, enquanto no Alto Alentejo a reutilização dos quase omnipresentes monumentos megalíticos parece ter desempenhado um papel bastante relevante.

As diferentes tradições tumulares, uma profundamente relacionada com as idiosincrasias do passado e outra claro reflexo das novas realidades sociais, poderão denunciar a presença de distintas entidades supra-comunitárias, eventualmente étnicas, cujos antecedentes deverão remontar pelo menos ao Calcolítico, e que teriam uma fronteira fluida algures na metade sul do Alentejo Central.

Por outro lado, talvez este seja apenas um determinismo geográfico-cultural, tendo em conta a escassez de monumentos megalíticos no Baixo Alentejo, comparativamente ao que sucede um pouco mais a Norte; este facto pode ser tanto ou mais relevante na medida em que ambas partilham uma mesma linguagem cénica, com a funcionalização e inscrição na paisagem de uma estrutura humana de cariz tumular que parece continuar a desempenhar um papel central na estruturação social da paisagem e dos grupos.

Todavia, perante tamanha escassez de dados, tentar encontrar um contexto regional e local para a peça em questão não resulta certamente fácil. A realização da Carta Arqueológica de Redondo (Calado e Mataloto, 2001) permitiu realizar um trabalho aturado, mas não sistemático, na envolvente do Monte das Casas, que por sua vez já havia conhecido um trabalho profundo com a escavação da necrópole da Herdade das Casas, que lhe fica fronteira. Os diversos levantamentos de informação oral realizados não permitiram reunir qualquer informação sobre a provável origem da peça em estudo.

Na Carta Arqueológica de Redondo, os contextos eventualmente relacionáveis com a peça em análise na Herdade das Casas e sua envolvente são escassos, resumindo-se a alguns monumentos megalíticos e raros sítios pré ou proto-históricos, com cerâmica manual (Calado e Mataloto, 2001, p. 35 e *passim*). A presença de cinco antas na envolvente imediata do Monte das Casas, duas das quais totalmente desmantelados, deixa uma forte possibilidade de o recipiente em questão poder ter sido recolhido na sua destruição.

Na restante área do concelho os contextos da Idade do Bronze são relativamente bem conhecidos, ainda que em nenhum caso se possa atestar com firmeza a ocupação ao longo do II milénio a.C. Apenas se conhece uma muito breve informação, referida por Mário Varela Gomes (Gomes et al., 1986, p. 64, fig. 81, n.º 91) (Fig. 10), que aponta para o aparecimento de uma necrópole da Idade do Bronze na área sul do concelho, em Montoito; todavia, não são conhecidos quaisquer dados, nem foi possível confirmar esta informação.

5. Megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo: prolegómenos para um trabalho futuro

Como já se afirmou, os contextos regionais do Bronze Antigo e Médio são quase completamente desconhecidos, pelo que os considerandos terão que ser breves e muito preliminares, antes um ponto de partida.

Em termos regionais, mas também no sudoeste peninsular, os meados do III milénio a.C. são marcados por uma profunda reorganização interna dos povoados e das malhas de povoamento, evidenciando com alguma certeza a emergência de um novo paradigma social; será então aqui que julgo pertinente começar por integrar e contextualizar o achado.

A presença da cerâmica campaniforme, cada vez mais frequente no Alentejo Central, parece marcar bastante bem este processo de transformação, onde os grandes e médios povoados regionais parecem desagregar-se em pequenas comunidades, como parece ser o caso das que ocuparam sítios como Miguens 3 (Calado, 2001), São Gens (Calado, 2002a), Porto das Carretas (Silva, 2001) ou Monte do Tosco (Valera, 2000a); a presença vestigial de cerâmica campaniforme no povoado dos Perdígões poderá ser um claro indício de que se encontrava já bastante longe do seu auge (Albergaria, 1998). Na envolvente geográfica da Herdade das Casas, a decoração campaniforme incisa é conhecida em povoados calcólicos como os de São Pedro e da Fonte Ferreinha (Calado e Mataloto, 2001), ambos no concelho de Redondo, para nascente.

Na realidade, algumas das ocupações “campaniformes” que têm vindo a ser reconhecidas constituem a reocupação de antigos espaços habitados, como acontece nos já citados Porto das Carretas e Monte do Tosco, ainda que outros pudessem ser apontados. Por outro lado, as reocupações de antigos monumentos funerários, caso da Anta das Casas do Canal na serra d’Ossa (Leisner e Leisner, 1955), bem próxima da Herdade das Casas, ou da Anta de Bencafede (Cardoso e Norton, 2004), recentemente dada a conhecer, estão igualmente atestadas.

A existência destas reocupações ainda no terceiro milénio a.C. parece tornar evidente um verdadeiro défice de identidade destas comunidades, após a queda do anterior paradigma humano, centralizado nos grandes e médios povoados da primeira metade do III milénio a.C.. Assim, creio que ao longo de grande parte do milénio seguinte se irá manter, no Alto Alentejo, este esquema populacional e humano, marcado pela dispersão das comunidades em pequenos grupos que efectivam e materializam a sua busca de identidade comunitária e territorial reutilizando antigos espaços tumulares e habitacionais. Constituem um bom exemplo desta situação os vestígios de uma curta presença humana durante o Bronze Antigo no sítio do Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1988-1989) ou a fase II do Moinho de Valadares (Valera, 2000b). No mesmo sentido apontam os dados obtidos na recente escavação dos menires de São Sebastião, no concelho de Évora, onde foi possível constatar a presença de uma ocupação de tipo ritual integrável no Bronze Médio (Calado, informação pessoal), ampliando e diversificando os contextos de reutilização e reinterpretção de realidades pré-históricas conhecidos durante a Idade do Bronze.

No Alto Alentejo, a reutilização dos espaços funerários do IV/III milénio a.C. deve ter desempenhado um papel fulcral na estruturação espacial e identitária dos grupos populacionais do milénio seguinte, num processo que não foi certamente unívoco, antes diverso e complexo.

Este processo, onde certamente apenas uma parte da sociedade teria acesso à tumulação em espaços de memória, como os monumentos megalíticos, deverá ter representado um passo relevante na afirmação de linhagens de poder, justificadas pela associação às realidades passadas.

A escassez de dados cerceia qualquer tentativa alargada de discernimento dos ritmos e critérios inerentes a este processo de reinterpretção da paisagem, resultante da necessidade de construção de um novo contexto identitário; todavia, o conjunto de dados disponível no *corpus* do

casal Leisner (Leisner e Leisner, 1959) e, principalmente, na síntese sobre o megalitismo norte-alentejano (Oliveira, 1995), deixa entrever um processo multilinear e polifacetado evidente na dificuldade de isolar padrões de reutilização dos antigos espaços funerários. Na realidade, uma mesma necrópole, como a de Coureleiros (Castelo de Vide) (Oliveira, 1995), com quatro monumentos escavados, apresenta em três deles evidências de reutilização. Por outro lado, não serão apenas os grandes monumentos ou os mais destacados, como Vidigueiras e Cebolinhos 1, em Reguengos de Monsaraz (Leisner e Leisner, 1985) (Fig. 11) ou a anta da Bola da Cera, em Marvão (Oliveira, 1995) (Fig. 12), certamente mais conspícuos, que conhecerão novas ocupações durante o II milénio a.C.; também monumentos mais pequenos, como Poço da Gateira 2 e Gorginos 2, em Reguengos de Monsaraz (Leisner e Leisner, 1985) (Fig. 13), ou Chão da Pereira, em Portel (Correia, 2002, p. 114), bastante mais discretos, conheceram claros episódios de reutilização.

O exemplo da Anta Grande do Zambujeiro é absolutamente paradigmático desta situação, conhecida que é a sua utilização durante a Idade do Bronze, e mesmo em momentos posteriores (Gonçalves, Pereira e Andrade, 2003); ainda que seja um dos maiores monumentos megalíticos conhecidos, insere-se num contexto paisagístico que deixa a enorme estrutura tumular verdadeiramente dissimulada no ondular do terreno, o que não impediu a sua utilização em diversos momentos históricos, mas que a manteve desconhecida da comunidade científica até aos nossos dias.

A reutilização de monumentos encontra-se escassamente documentada sob o ponto de vista radiométrico no Sul do país, pelo que a datação sobre ossos humanos que se encontra disponível para a anta das Castelhanas, em Marvão, assume particular relevância. A data OXA-5432

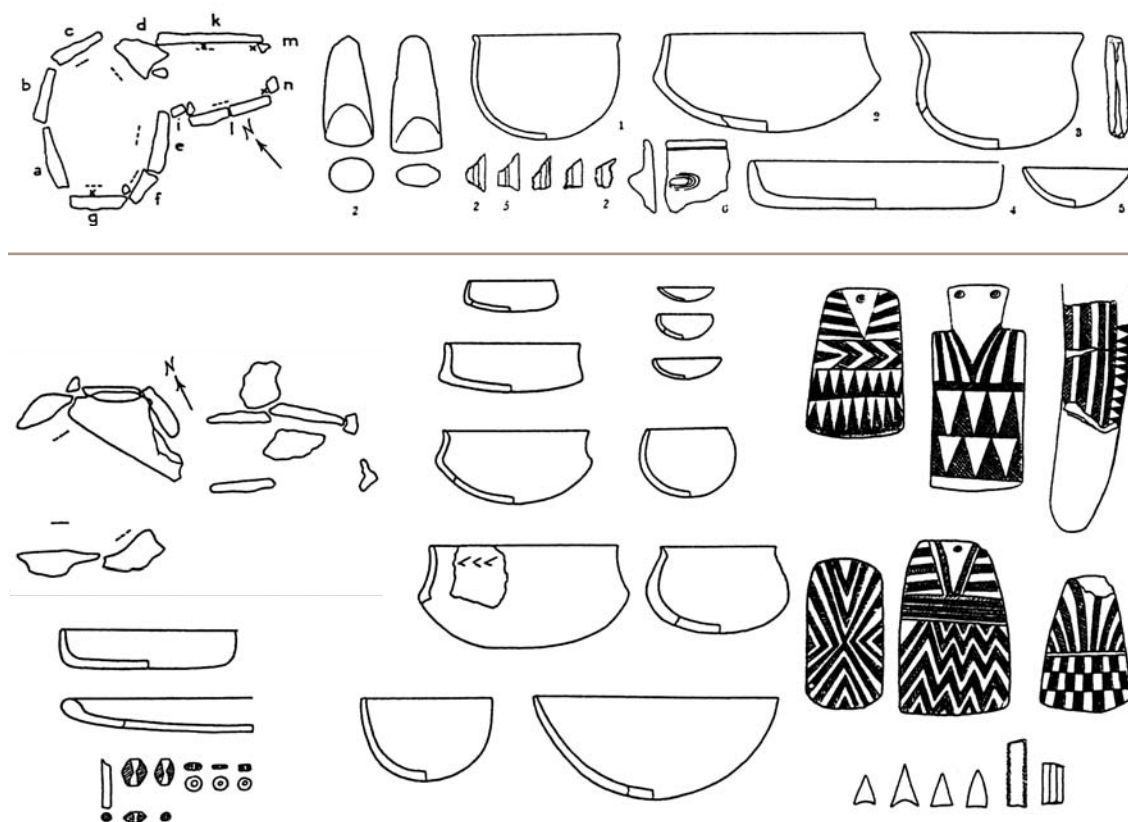


Fig. 11 Planta e espólio da Anta das Vidigueiras (em cima) e 1 dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz) (em baixo) (segundo Leisner e Leisner, 1959).

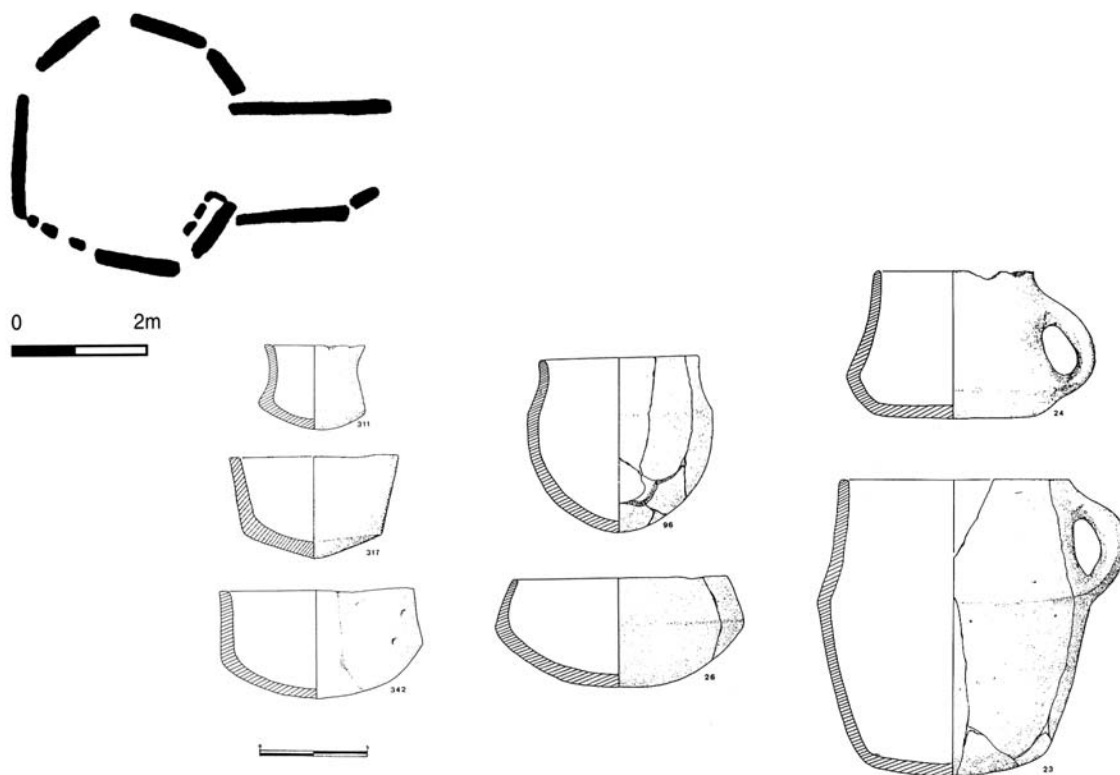


Fig. 12 Planta e parte do espólio da Anta da Bola da Cera (Marvão) (segundo Oliveira, 1995).

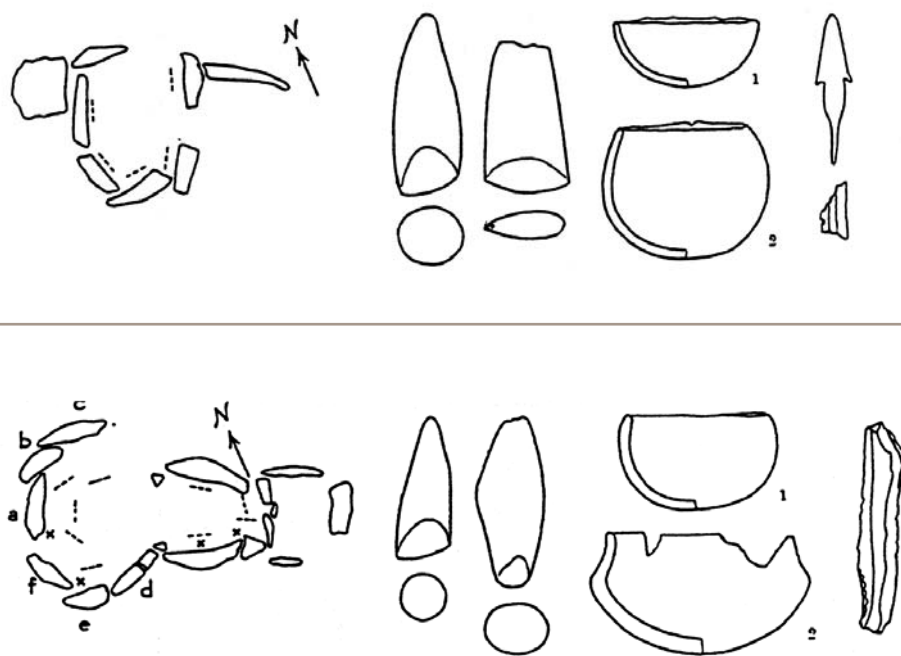


Fig. 13 Planta e espólio da Anta 2 dos Gorginos (em cima) e 2 do Poço da Gateira (em baixo) (segundo Leisner e Leisner, 1959).

3220±65 (1630-1320 cal BC a 2σ) conseguida sobre ossos humanos (Oliveira, 1998, p. 231), confirma a utilização dos monumentos megalíticos num momento relativamente avançado do II milénio a.C. A esta tumulação deverão associar-se, pelo menos, um conjunto de formas carenadas que se poderão facilmente integrar nas tipologias cerâmicas conhecidas para o II milénio a.C. do Sul do país (Fig. 14).

Duas outras datações obtidas num outro monumento da mesma região (ICEN-977 – 3650±110 2328-1698 cal BC 2σ e ICEN 979 – 3720±45 – 2274-1971 cal BC 2σ), a anta da Cabeçada (Marvão) (Fig. 15), parecem apontar igualmente para uma reutilização do monumento, ainda que neste caso, ao serem obtidas a partir de carvões, sejam bastante menos fiáveis que a anterior; todavia, a sua associação a um conjunto de materiais que claramente poderia integrar este espectro cronológico, destacando-se um recipiente muito próximo da morfologia “campaniforme” evoluída (C 161), reforça a possível validade das mesmas (Oliveira, 1995).

A recente publicação de dois conjuntos de datas obtidas sobre ossos humanos e de canídeo, recolhidos na Anta 3 de Santa Margarida (Gonçalves, 2003a, p. 50) e 2 dos Cebolinhos (Gonçalves, 2003b), em Reguengos de Monsaraz, permite certamente ampliar o espectro conhecido e alargar a área de dispersão dos dados radiométricos disponíveis (STAM-3-Beta 166418 – 3780±40 2280-2140; Beta 166417 – 3770±40 2270-2140; Beta 166420 – 3720±50 2200-2030; Beta 166421 – 3730±40 2200-2040; Cebolinhos 2 - Beta 176899 – 3900±40 2480-2280; Beta 177471 – 3840±40 2450-2150). Este conjunto de datações concentra os seus intervalos de tempo num momento avançado do III milénio a.C., principalmente no último quartel, revelando uma aparente intensidade de utilização de monumentos megalíticos, na segunda metade deste milénio, verdadeiramente inusitada. Por outro lado, em nenhum dos casos estas deposições se faziam acompanhar de espólio cronologicamente relevante, o que deverá alertar para a quase impossibilidade de compreensão da verdadeira dimensão do fenómeno sem recurso a datações sobre presenças osteológicas.

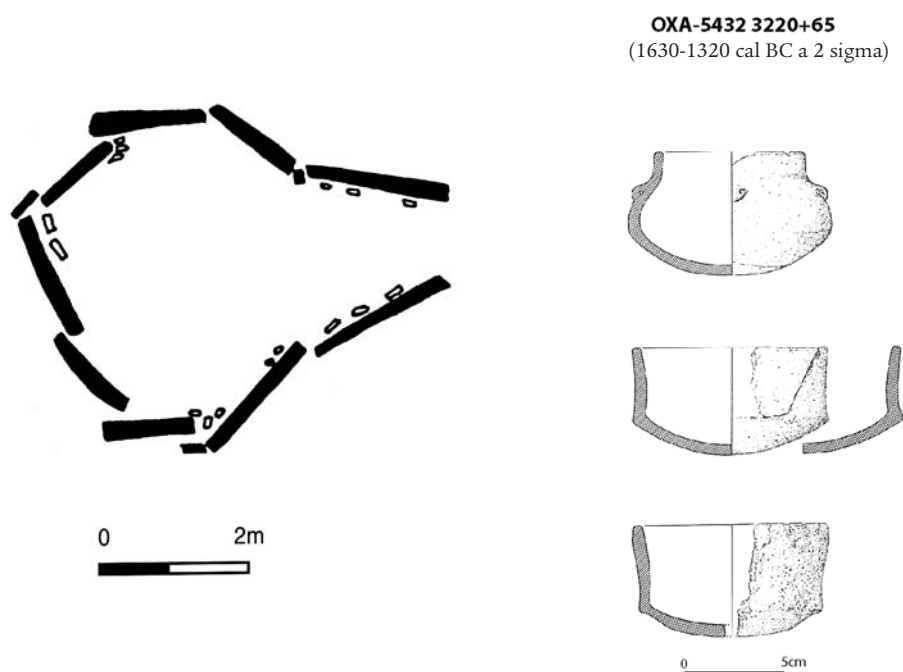


Fig. 14 Planta e parte do espólio da Anta das Castelhanas (Marvão) (segundo Oliveira, 1995).

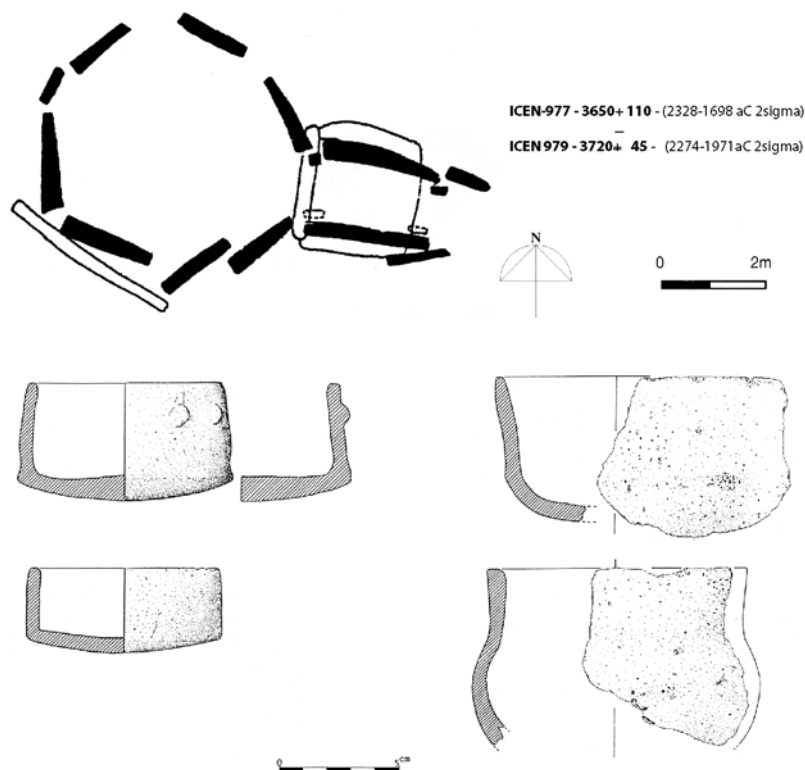


Fig. 15 Planta e parte do espólio da Anta da Cabeçuda (Marvão) (segundo Oliveira, 1995).

Uma datação ainda inédita, de meados do II milénio a.C., obtida recentemente sobre ossos humanos recolhidos por Manuel Heleno na quarta anta do Zambujeiro (Montemor-o-Novo), permite pela primeira vez datar, no Alentejo Central, o fenómeno da reutilização de monumentos megalíticos após o III milénio a.C. (informação pessoal de Leonor Rocha, a quem muito agradeço)

No Alto Alentejo, e mesmo em todo o Sul do país, a grande carestia de dados sobre as unidades de povoamento associáveis ao II milénio a.C., anteriores às realidades que marcarão o final da Idade do Bronze, poderá resultar numa primeira instância da dificuldade de caracterização dos conjuntos materiais deste momento, conhecidas que são as pervivências das realidades do III milénio a.C. e a escassez nos povoados das formas cerâmicas mais típicas das deposições funerárias (Silva e Soares, 1981).

A identificação cada vez mais frequente de novas deposições funerárias, dos finais do III milénio a.C. e de grande parte do II, em monumentos megalíticos do Alto Alentejo poderá desempenhar um papel muito relevante na aproximação às redes de povoamento dessa cronologia, que são em grande medida desconhecidas, tendo em conta a relação de proximidade que parece existir entre os espaços dos mortos e os espaços dos vivos, como foi possível documentar no caso da necrópole e povoado do Pessegueiro (Silva e Soares, 1981, p. 168), mas também em outros sítios do Sudoeste peninsular (Soares e Silva, 1998, p. 237).

No entanto, o panorama do II milénio a.C. para o Sul do país mantém-se basicamente inalterado desde o já clássico *Bronzezeit* de H. Schubart (1975), apesar de alguns reajustes nas cronologias propostas; assim, perante um espectro de dados escassamente fiável apenas uma reanálise profunda de novas e velhas realidades poderá, eventualmente, confirmar se o quadro contextual aqui traçado para o achado da Herdade das Casas será efectivo.

NOTAS

- ¹ Investigador do Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (UNIARQ).
Câmara Municipal de Redondo.
rmataloto@iol.pt
- ² A peça foi gentilmente cedida para estudo pela D^a Eugénia Palmeiro, encontrando-se na posse da sua família desde o seu achado.

BIBLIOGRAFIA

- CALADO, M. (2002) - Povoamento pré e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al-madan*. Almada. II.^a série. 11, p. 122-127.
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (2001) - *Carta arqueológica de Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CARDOSO, J. L.; NORTON, J. (2004) - As caçoilas campaniformes da anta de Bencafede (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 129-136.
- CORREIA, S. (2002) - Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo de Alqueva – Blocos 4 e 7. *Al-madan*. Almada. II.^a Série. 11, p. 109-116.
- GARCÍA SANJUÁN, L. (1998) - *La Travesía. Ritual funerario y jerarquización social de una comunidad del Bronce de Sierra Morena Occidental*. Sevilla: Universidad.
- GOMES, M. V. (1994) - A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves. *Xelb*. Silves. 2.
- GONÇALVES, V. S. (1988-1989) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova série. 9-10, p. 49-61.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) - *STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) - A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora). As intervenções de 1996 e 1997 e duas datas de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 143-166.
- GONÇALVES, V.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (com a colaboração de Amílcar Guerra) (2003) - A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV. 21, p. 209-244.
- HURTADO PÉREZ, V.; GARCÍA SANJUAN, L. (1994) - Áreas funcionales en el poblado de la Edad del Bronce de El Trastejón (Zufre, Huelva). In *Encuentro de Arqueología del Suroeste*. Huelva: Universidad, p. 183-214.
- KALB, P. (1994) - Reflexões sobre a utilização de necrópoles megalíticas na Idade do Bronze. In *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira-Alta [Actas do colóquio, Nov. 1992], p. 415-426.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1985) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH (reed.).
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1955) - *Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança-Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen (2)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- MATALOTO, R. (1999) - As ocupações proto-históricas do Castelo do Giraldo (Évora). *Revista de Guimarães. Volume Especial - Actas do Congresso de Proto-história europeia no centenário da Morte de Martins Sarmento*. I, p. 333-362.
- OLIVEIRA, C. (2001) - *Lugar e memória. Testemunhos megalíticos e leituras do Passado*. Lisboa: Colibri.
- OLIVEIRA, J. (1995) - *O Megalitismo da bacia hidrográfica do rio Sever*. Évora. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Évora (policopiado).
- OLIVEIRA, J. (1998) - A Anta da Joaninha e a da Era de Guardias (Cedillo-Cáceres) no ambiente megalítico da foz do rio Sever. *Ibn Maruán*. Marvão. 8, p. 203-245.
- PAVÓN SOLDEVILA, I. (1998) - *El tránsito del II milenio al I milenio a.C. en las cuencas medias de los Ríos Tajo y Guadiana: La Edad del Bronce*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- SCHUBART, H. (1975) - *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1981) - *Pré-História da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (2002) - Porto das Carretas – um povoado calcolítico do vale do Guadiana. *Al-madan*. Almada. II.^a Série. 11, p. 176-180.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1998) - From the collapse of the chalcolithic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the south-west of Iberian Peninsula. In JORGE, S., ed. - *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 231-245.
- VALERA, A. (2000a) - O Monte do Tosco I: uma análise preliminar no contexto do povoamento calcolítico e do início da Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana. *Era-Arqueologia*. Lisboa. 2, p. 33-51.
- VALERA, A. (2000b) - Moinho de Valadares 1 e a transição Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Guadiana: uma análise preliminar. *Era-Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 21-37.